

De conferência em conferência: a Ásia aproximando-se da África

Jorge Ferrão

A recente Conferência Internacional de Tóquio para o Desenvolvimento de África, que teve lugar na última semana de Maio de 2008, em Yokohama, no Japão, contou com a presença de pelo menos 36 Chefes de Estado africanos. Esta conferência que se realiza na esteira de outras conferências, sobretudo Pequim, China, 2006, reacendeu o debate em torno do interesse dos asiáticos pelo continente africano. Analogamente, parece ficar evidente que o continente africano inclina-se, em definitivo, para a Ásia.

A conferência Internacional de Tóquio para o Desenvolvimento de África, conhecida como TICAD, vai já na sua quarta (IV) edição. As anteriores tiveram lugar em 1993, 1998 e 2003. A conferência anunciou um significativo aumento da assistência aos países africanos até 2012. Estas intenções vem expressas num documento que orientará, no futuro, a nova página da relação entre África e Japão.

Convenhamos quer Pequim, 2006, como Yokohama, 2008, reconfirmam ou o que parece ser habitual nestes eventos. Muitas promessas, boas intenções e, sobretudo, palavras bonitas. Entra conferência e sai conferência, são retomadas as promessas de estimular o crescimento económico do continente africano e o garantir da segurança

humana e alimentar. Como esses objetivos podem ser alcançados, parece ser a grande questão e o ponto de discórdia.

Benefícios diretos para Nampula, Moçambique

Em relação a Moçambique, pelo menos, ficou decidido que a estrada Nampula-Cuamba, na região norte, poderá tornar-se, a breve trecho, realidade. Esta estrada é de terra batida e ciclicamente sofre interrupções devido aos efeitos da chuva. Assim sendo, a TICAD valeu e revestiu-se de alguma importância, quanto mais não seja, para as províncias de Nampula e Niassa. A estrada que já teve promessas de vários doadores não anda e nem desanda.

Nampula é a província mais populosa do país e essa estrada serve os principais centros de produção agrícola, localizados no interior do designado Corredor de Nacala, que liga o porto de Nacala ao vizinho Malawi. Niassa, por outro lado, é a província menos desenvolvida de Moçambique, com a menor densidade populacional e, igualmente, com a menor percentagem de estradas asfaltadas do país.

A reabilitação desta estrada de pouco menos de 380 quilómetros reveste de particular importância para a segurança alimentar da região, considerando que os distritos (municípios) de Ribáuè e Malema são potenciais produtores de cereais, tabaco e mandioca, o principal produto alimentar do grupo étnico Makua, por sinal o mais populoso de Moçambique. A estrada poderá servir, também, o Malawi um pequeno país que faz fronteira com a província de Niassa.

Outros projetos poderão estar em carteira, sobretudo

Jorge Ferrão é pesquisador sócio-ambiental, Doutor em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e Reitor da Universidade Lúrio, Nampula, Moçambique.

na área de educação e ensino técnico e profissional, onde os japoneses tem dado particular atenção. Todavia, o projeto da estrada Nampula-Cuamba é o que apresenta as maiores garantias de ser financiado. O valor inicial é 500 milhões de dólares americanos. Como atesta o documento de intenções, a estrada Nampula-Cuamba poderá gerar sinergias na indústria de agro-processamento cujo desenvolvimento foi impedido, ao longo de décadas, devido a questão do acesso.

África a bola da vez para os gigantes asiáticos

As grandes conferências internacionais, um modelo que parecia falido e esgotado, sobretudo para definir alternativas ao fraco desenvolvimento no continente africano, estão de volta. China e Japão apostam agora no marketing político para convencer as lideranças africanas.

Depois da China ter organizado a conferência de Pequim, 2006, onde prometeram sustentar o crescimento das economias africanas, pelo menos com ofertas mais realísticas, coube, agora, a vez ao Japão. Este pequeno país in-

As grandes conferências internacionais estão de volta no continente africano. Yokohama é tida como a conferência do pragmatismo, clarividência e da estratégia futurista, onde o humanismo ganha contornos mais importantes que o imediatismo do mercado.

sular, conhecedor profundo do Brasil, abre-se, novamente, a africanidade pela terceira vez, em menos de 15 anos.

Yokohama é tida como a conferência do pragmatismo, clarividência e da estratégia futurista, onde o humanismo ganha contornos mais importantes que o imediatismo do mercado, ou até, da fonte barata de matérias-primas.

A declaração de Yokohama, pensada no mais íntimo dos detalhes, faz uma apologia ao crescimento econômico de África, a garantia da segurança humana e alimentar, num momento onde a crise alimentar deixou de ser assunto para imprensa. Por via da declaração, acredita-se que a Ásia poderá propiciar um ótimo ambiente à luz das mudanças climáticas. No fundo, no fundo, a questão dos mercados, segurança, estabilidade e boa governança, pesam com coeficiente duplicado, nestas novas opções. Esta é a verdade nua e crua que não deixa margem para dúvidas.

A China parece ter dado o apito inicial. Pioneira num Plano Marshall para África, com a sua Declaração de Pequim 2006, abre espaço para outros gigantes asiáticos. Seu maior parceiro comercial, o Japão, não poderia ter ficado atrás. Consequentemente, e rompendo suas tradicionais barreiras, retoma África com diplomacia e tacto. Na verdade, o Japão, país de se lhe tirar o chapéu, prepara-se para ser o líder dos G8, a partir de Julho de 2008.

A China que em 2006 prometera duplicar a assistência até 2009, tem pautado por um capitalismo selvagem e por

práticas pouco abonatórias. Aumentam as denúncias e os casos de exploração desenfreada de recursos naturais no continente africano, sobretudo a exploração de produtos madeireiros. Contra a China pesam, igualmente, acusações de abate indiscriminado de espécies marinhas como tubarão, cuja proteção é defendida pelas autoridades ambientais.

Por que África?

Verdade seja dita: o Japão desconhece a África. Preferencialmente, aposta cerca de 0,19% do seu PIB de 4.500 bilhões de dólares, para ajuda a projetos de desenvolvimento, ignorando, de certa forma, o financiamento direto aos orçamentos de Estado, sobretudo dos países em desenvolvimento.

Mas o Japão é, igualmente, uma economia que exporta abundantemente para o mundo – a quarta maior economia. Paradoxalmente, a economia japonesa é uma das que mais importa – sexto maior importador mundial de matérias-primas. O que move, então, o Japão e a Ásia, nesta

corrida desenfreada ao saqueado e empobrecido continente africano?

As variáveis e hipóteses seriam diversificadas. Uma mais holísticas e outras economicistas. Até o altruísmo poderia ser equacionado. Porém, todas elas condu-

zem-nos a conclusões quase que antecipadas.

De um total de investimentos de 108,5 bilhões de dólares no mundo inteiro, o Japão apenas aplica 0,4% em países africanos. Na prática, 415 milhões de dólares. Quer dizer, dois países africanos beneficiam do investimento direto japonês – Egito e África do Sul. Um colosso no norte e outro no sul do continente. Os restantes países africanos são somente um mercado direto para toda a sua tecnologia eletrônica, informática etc. Facilmente, saímos à rua e nos deparamos com uma viatura japonesa. Apesar dos gastos enormes que o continente africano coloca na indústria japonesa, apenas 63 milhões são reinvestidos nesta região do mundo. Convenhamos, a ajuda global do Japão a África seria, salvaguardadas as devidas proporções, bem menor que o pacote assistencial para o combate ao HIV-SIDA ou até, que o próprio Millennium Challenge Account (MCC) dos EUA, apenas em Moçambique.

Diante desta e restantes realidades, torna-se evidente que o Japão precisa correr atrás do tempo perdido. Correr atrás do prejuízo. Reduzir a distância que o seu maior parceiro comercial, China, agora adiantada no terreno. Recorde-se, a China anunciou um conjunto de pacotes comerciais para África. Neste contexto, pelo menos 5 bilhões de dólares em empréstimos com juros bonificados e o cancelamento da dívida dos países africanos que vigorava até 2005. A China vai mais longe, quer participar ativamente

na revolução verde e colocar mais de 100 milhões de dólares para atenuar a crise alimentar.

O Japão, que tem em seu território cerca de 127 milhões de habitantes, com uma expectativa de vida altíssima, é a segunda maior economia do mundo; tem a segunda maior bolsa de valores mundial (bolsa de Tóquio). É indiscutivelmente o segundo maior doador para a Assistência oficial ao desenvolvimento. Sem recursos naturais, o país importa combustíveis, produtos alimentícios, têxteis, e toda a matéria-prima para as suas indústrias. Em Moçambique, o Japão, aplicou investimentos na Mozal, a maior empresa moçambicana de fundição de alumínio, através da Mitsubishi Corporation.

Como dado adquirido sabemos que o continente africano possui todos estes recursos. Poderá, naturalmente, a curto prazo, transformar-se num potencial fornecedor de matéria-prima. Preços preferenciais ou até mais baratos. Desta verdade, a China se apercebeu desde o começo, quando colocou em marcha a sua cruzada africana.

Bem mais importante para o Japão que as matérias-primas – aliás, eles se prepararam para criar estas de forma artificial – é o potencial do mercado africano. Esta é uma razão de fundo. África representa já um mercado de 800 milhões de habitantes. Estes números poderão crescer para cerca de 1 bilhão nos próximos anos. Taxas de natalidade continuam acima dos 2%. Mesmo considerando que milhões de africanos sobrevivem com menos de 1 dólar/dia, a escala deste mercado faria proporcionalmente a diferença.

O segundo argumento tem a ver com as matérias-primas. É significativo que países como Moçambique, depois de um longo período de convulsão social, tenham adquirido maturidade democrática e estabilidade política. Na verdade, vários países africanos ultrapassam a faixa dos 8% no crescimento econômico. Mais significativo ainda é o fato de existir já uma certa estabilidade, fruto da boa governança.

Diante destes argumentos, temos o Japão também na cruzada africana. Por um lado, para minimizar os efeitos das ambições hegemônicas da China. Por outro, e de uma forma mais elegante, para estabelecer parcerias mutuamente vantajosas, com parceiros credíveis e estáveis. Países com quem possa contar no futuro.

Nem é por acaso, que o argumento inicial da declaração de Yokohama faz referência a uma cooperação duradoura, que não tem por base uma visão imediatista de exploração e busca por recursos naturais. A nova visão consolida o argumento de que a instabilidade nos países pobres, jamais será benéfica para os países ricos.

Resta aos nossos países avaliarem as escolhas e acertarem nas parcerias. Nenhuma ajuda é feita de forma desinteressada nesta era, venha ela de onde vier. Esta lição veio de outros tempos e nós conhecemo-la de cor e salteado. Para já Nampula–Cuamba vai sair do papel. Vamos entrar para a cruzada com a lição bem estudada, apesar de conhecermos bem o ditado que diz, quem esta com fome não escolhe o pão.